

Crítica // Meu nome é Maria ★★★**Talentos desabonados**

Ricardo Daehn

Curioso que venha da terra de ator Gérard Depardieu, francês atualmente sob holofotes dos tribunais e mídia pelo suposto envolvimento em crimes sexuais, a produção que estreia em Brasília e trata de abusos durante a criação do clássico *O último tango em Paris* (1972), no qual a atriz central (Maria Schneider) teria sido violentada frente a anseios, defendidos como artísticos, pelo diretor Bernardo Bertolucci (vivido por Giuseppe Maggio,

IMOVISION/ DIVULGAÇÃO

**Meu nome é Maria: escândalo em filmagens**

na ficção *Meu nome é Maria*) e pelo astro Marlon Brando (Matt Dillon).

Jornalista, prima da atriz (morta em 2011), Vanessa Schneider forneceu, por

meio de livro, parte da trama desenvolvida pelas roteiristas Laurette Polmans e Jessica Palud (também diretora do novo longa). Filha do astro Daniel Gélin (na tela,

feito por Yvan Attal) e de uma mãe violenta, Maria foi hostilizada, e jogada ao abandono da sorte na Itália que demonizou o trio de artistas (Brando morreu há mais de 20 anos, e, Bertolucci, em 2018). No filme em que Anamaria Vartolomei brilha como protagonista, a trama inclui a jovem estudante Noor (Celeste Brunnquell), uma alma apaixonada por Schneider. O filme acerta ao evitar o gráfico confronto entre a estrela e os renomados homens estabelecidos na indústria do cinema.

Por se tratar de um retrato de época, baliza uma virtual submissão, mas que, dramaticamente, é

resolvida em cena quando Schneider credita a inexistência de Bertolucci e apequena sua figura. O apelo exercido pelas drogas ao longo da vida dela — que concorreu, em 1979, ao prêmio César, por *O sexo oculto* (estrelado por Miou-Miou) — é retratado sem meios-terros. Como num efeito, despontam as consequências do abuso. Schneider, que brilhou ainda em *Noites felinas* (de Cyril Collard) traz o requinte da classe, ainda que debilitada, de exaltar as produtivas colaborações em *Merry-go-round* (com Jacques Rivette) e *Profissão: Repórter* (de Michelangelo Antonioni).

Crítica // Quando chega o outono ★★★**De folhas e cogumelos**

Jardim, toras de lenha, horta — tudo no idílico cenário da Borgonha, em que vive Michelle (Hélène Vincent) — traz a ambientação, à primeira vista, acolhedora, na retirada casa da mãe de Valérie (Ludivine Sagnier) e ainda avó de Lucas (Garlan Erlas). Nada disso se confirma, com o roteiro do diretor François Ozon e ainda o

colaborador dele Phillipe Piazzo. Ozon tem extensa ficha relacionada a cinema e crime, haja vista *Swimming pool* (2003), *Dentro de casa* (2012), *O crime é meu* (2023), *Está tudo bem* (2021), *O amante duplo* (2017) e *8 mulheres* (2002).

Tratado como filho de Michelle, Vincent (Pierre Lotin) goza ainda da comum

situação (da protagonista) de ter um passado que o condena. Filho de Marie-Claude (Josiane Balasko), ele é a razão de ser da frase da mãe dita à amiga: “Com filhos, fracassamos miseravelmente”. Envenenamento, mortes, cogumelos e a posse de uma casa estarão no caminho da narrativa, com set impecável e admirável organização no desdobramento de fatos. (RD)

PANDORA FILMS

**Quando chega o outono: thriller ameno**

UM FILME

MINECRAFT

PRÉ-VENDA DISPONÍVEL

ESTREIA 3 DE ABRIL NA CINESYSTEM

VERIFIQUE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA

clube 50% DE DESCONTO*

COMPRE SEUS INGRESSOS ANTECIPADOS CINESYSTEM CINEMA ALÉM DO FILME